

**O Dedo**  
**Um conto de Marcos de Sá**

Copyright © 2020 Marcos de Sá

Todos os direitos reservados.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha.

Texto integrante da coletânea Pélagos: Contos do Mar, 2020

Revisão: Bianca Battesini

[marcosdesa.wordpress.com](http://marcosdesa.wordpress.com)

**Para todos os injustiçados.**

## O Dedo

Ele apareceu de novo. Dessa vez para Jordânia, que entra desesperada pela porta dos fundos falando — na verdade quase gritando:

— Leva essa menina pra benzer, Luzia! Chama um exorcista, um pastor pentecostal ou qualquer coisa do tipo.

Seguro o riso, dou mais um gole na xícara de leite enquanto as duas me olham com pavor.

— Deixa de bobagem, mulher — diz minha mãe, com um tom que ela mesmo desconhece.

— Ele apareceu no alpendre de madrugada. Tem mais ou menos uns dois metros, assim como foi visto das outras vezes.

Minha mãe chegou a brigar com muita gente quando ouvia esses relatos, mas agora Jordânia era demais pra ela.

Como se não bastasse o fato de ter perdido o dedo polegar da mão direita — o que me rende apelidos nada amáveis e uma

escrita cursiva horrível, que me obriga às de forma tamanho GG, ainda tenho que aturar essas pessoas me cobrando o que o Dedo me prometeu.

Eu amava o mar, sim, costumava chama-lo de refúgio até que uma piranha marcou meu corpo e levo algo de mim: algo que agora assombra todas as pessoas que me fazem sentir mal. Partiu do Iranduba e deve estar em alguma margem do Amazonas.

Jordânia continua tentando convencer minha mãe de que preciso ir à uma sessão de descarrego espiritual, mas acredito não adiantar muito, caso consiga. Observo sua mania de falar passando as mãos no avental e recordo as vezes que fui trancada em sua despensa de pau a pique quando minha mãe lhe confiava minha custódia. Agora a vejo, pela primeira vez, falar de mim como quem fala de uma sereia que arrasta, com seu canto, pescadores apaixonados para o fundo dos rios. Certamente, agora

estaria me fazendo tranças, demonstrando um aparente afeto que na verdade escoa para uma próxima necessidade de minha mãe ao me entregar aos seus perversos cuidados.

Tereza, Alice, Jorge, Luciano, Vilânia e agora Jordânia. Todos viram o Dedo. O que há em comum entre eles? Desejei que todos o vissem. Luciano, filho do seu Januário, deve estar com seus 18 anos e, de todas as aparições descritas, a dele foi a mais desejada. Garoto safado, mexeu onde nunca permiti que mexessem, e eu nem sabia ao certo o que era permissão.

— Doralice, Doralice. — A voz de minha mãe me resgata enquanto eu voltava ao mar — O que tem a dizer sobre o que a *cumade* Jordânia falou?

Penso em algo como “Que tal saber que sua amiga de infância me trancava num cercado de barro e diz que senhora nunca acreditaria em mim, o que talvez ela tenha razão”.

— Nada mamãe, nada. — É o que digo.

A fama do “dedo de dois metros” se espalhou pela costa litorânea, quase se unindo à lenda da Matinta Pereira e do Uirapuru, e eu, claro, sou a menina de 12 anos, dona do dedo misterioso. Por um lado, isso me traz um pouco de empoderamento, como se todos me devessem seus medos, mas me impossibilita de ser realmente uma menina de 12 anos. Tereza, a professora voluntária da escolinha do litoral, foi a que promoveu maior propagação. Aliás, foi a primeira a ver o Dedo — ou melhor, a segunda. O encontro ocorreu logo após me constranger pelos farrapos de letras no caderno de redação, até me sugeriu usar a mão esquerda.

— Você consegue sim — repetia, como um disco que engancha na pior faixa, mas não como quem quer dizer “Eu estou com você”. Era mais um “Se não fizer, está expulsa”, o que na verdade acabou acontecendo.

Tive que deixar as aulas depois que ela contou a todos, sobre o Dedo que lhe apareceu no quarto, perto da meia-noite. A princípio achou ser um pesadelo, até que Jorge e Alice, alunos da escola, tiveram as visões em sequência.

Jorge me apelidou de “bicho preguiça”, mesmo sabendo que ele tem três dedos — o que me deixa em vantagem, por ter um a mais. Por sua vez, Alice cochichava com as outras garotas ao me ver e me intitulou de “aleijada”. O meu único desejo era não os ver mais, até que eles tiveram um confronto com o Dedo.

Ver minha mãe me obrigando a ir à casa da rezadeira mais próxima faz-me pensar pela primeira vez que realmente possuo

algum tipo de poder. Seria uma vingança do Dedo? Estaria me protegendo? Tipo, ele deve ouvir o meu próprio senso de justiça.

— Onde fica a casa dessa mulher? — pergunto, assustada, enquanto nos aproximamos do mar.

— Já estamos chegando. — A cada passo chegamos mais e mais perto das águas, o cheiro e o barulho embaçam minha visão e tudo que posso ver são ondas avermelhadas com uma piranha a se contorcer levando meus dias normais — Aqui, chegamos.

Era exatamente numa casa à beira mar. Mesmo fincada na areia, chamo-a mentalmente de “Casa Marítima”. O som vindo de fora me incomoda tanto que só desperto finalmente com o primeiro açoite de pião molhado nas minhas costas.

— Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus — diz ela, continuando a reza quando encaro minha mãe que está com os olhos fechados como se intercedesse ardentemente. Seus olhos arregalam ao grito da mulher que derruba a bacia de alumínio no



chão e abandona a casa. Mais à frente, um grupo de pessoas está de pé, como se nos aguardassem. Eles não dizem nada, apenas nos encaram como se fôssemos uma praga terrível.

Enquanto penteio os cabelos com dificuldade, minha mãe lamenta. Agora sou culpada porque meu polegar virou alimento de peixe — é assim que começo a acreditar. Penso em desejar que o Dedo não apareça mais. É quase impossível.

— Viúva e desempregada... — ela repete enquanto cata feijão na mesa da cozinha.

— A senhora está desempregada? — grito do banheiro, com a porta aberta.

— Agora estou. Como vão dar emprego à mãe da menina que está causando terror nas redondezas? — A resposta vem como uma piranha, ou pior, um tubarão que leva tudo de vez. Talvez se eu voltasse ao final da ponte, rompesse o bloqueio de

interdição e lançasse meu corpo inteiro — e não apenas a mão — , sim, talvez resolvesse. O mar já tem uma parte minha.

— Vem aqui. — Mesmo quando minha mãe tenta se desculpar, terminando de arrumar meus cabelos, sinto que nada reverteu a palavra que ainda está tão quente quanto a água que ferve sobre o fogareiro de barro. Ouço Vilânia, a vizinha, ouvir Calypso enquanto minha mãe prende meus cabelos com a mesma força que segura lágrimas. Talvez ela esteja pensando a mesma coisa que eu: “O mundo se isolou de nós, assim como a vizinha que também viu o Dedo”. Sinto falta de conversar com Débora e Carlos, que foram proibidos de me direcionar palavra, mas da mãe deles, não. Ela me desdenha desde muito pequena com tamanha sutileza que minha mãe nunca percebeu o veneno de um “seus cabelos estão tão ressecados” ou “como ela está magra”, seguido de um sorriso infernal no cantinho da boca.

Ao deitar, chamo o Dedo. Ele aparece.

— Não quero mais que você apareça — digo, sem o medo do primeiro encontro. — Você disse que onde eu não pudesse estar, você estaria. Obrigado por tentar me proteger. Agora preciso que vá embora de vez. — Ele permaneceu imóvel perto da cortina que o vento levantava. — Volte para o mar. É o seu lugar. Volte para o ventre do peixe. — E, então, ele desaparece.

Abro os olhos. Fios de sol encandeiam meus olhos e meu rosto grudento de lágrimas. Levanto do chão de barro pisado ao som da voz de Jordânia, que abria a porta da despensa:

— Acorda, menina, dormiu demais! Levanta, se limpa e vai pra sala. Tua mãe já deve estar chegando! Vamos, depressa!

## **Sobre o Autor**

Marcos de Sá escreve desde os 11 anos de idade, mas somente aos 32 publicou seu primeiro romance intitulado “Reciclável: Acomode-se ou Recicle-se”, e nos meados de 2019 lançou “O Baú de Shailo”, ambos, romances contemporâneos voltados ao público juvenil, jovem e adulto.

Atualmente, além de escrever, Marcos atua em uma instituição como professor de Língua Portuguesa e Educação para crianças e jovens, situada em uma das maiores periferias de Fortaleza (CE).

De vez em quando, gosta de arriscar em contos, mas seus projetos futuros são para romances inspiradores, com temas sociais e de superação.

**Siga nas redes sociais:**

**[Facebook.com/OficialMarcosdeSa](https://www.facebook.com/OficialMarcosdeSa)**

**[Instagram.com/Eu\\_Marcosdesa](https://www.instagram.com/Eu_Marcosdesa)**

**E-mail: [trechosdeumamarca@gmail.com](mailto:trechosdeumamarca@gmail.com)**